

Brasil troca os títulos da dívida externa e conclui acordo

BRASÍLIA — O Brasil garantiu ontem a conclusão do acordo com os bancos privados estrangeiros, mediante a troca dos títulos antigos da dívida externa pelos novos. A partir de agora, o país terá 30 anos para pagar um total de US\$ 51 bilhões aos credores, que receberam cinco diferentes tipos de títulos. O anúncio foi feito ontem à noite pelo chefe de gabinete do Ministro da Fazenda, Sérgio Amaral, antes que o Comitê Assessor dos Bancos divulgasse comunicado oficial sobre o acordo, em Nova York.

O ministro da Fazenda, Rubens Ricupero, deu a notícia ao presidente do Senado, Humberto Lucena, no momento em que o acordo era assinado pelo presidente do Banco Central, Pedro Malan, em Nova York. A expectativa do Governo agora é pela entrada de recursos novos para a retomada dos investimentos internos.

— Com o fechamento do acordo, eliminamos a incerteza quanto à capacidade de pagamento por parte do Brasil, passando a atrair mais capital estrangeiro — declarou Amaral.

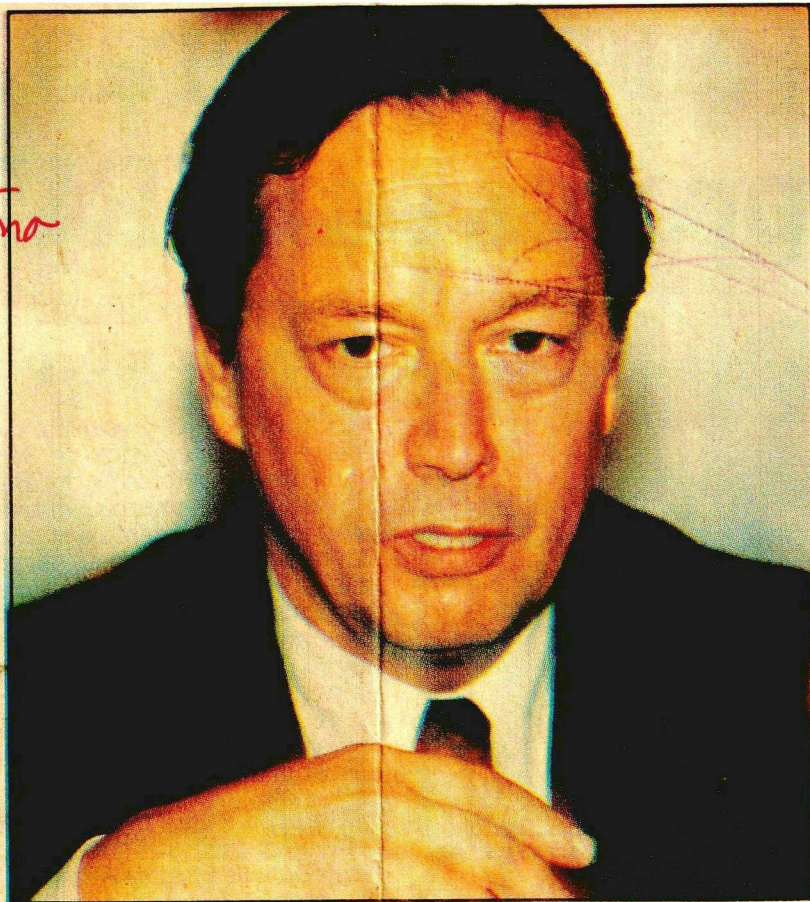
Para o assessor de Ricupero, este será o segundo efeito do acordo com os credores. O primeiro é a redução do custo da dívida, já que o encargo fiscal será menor a partir de agora. Embora o BC estivesse repassan-

do apenas 50% dos pagamentos acertados no acordo de 1988, o Tesouro Nacional pagava o valor integral ao BC. Para comprar as garantias necessárias à troca de títulos da dívida, o Governo pagou ontem US\$ 2,8 bilhões. Em dois anos, completará o depósito de US\$ 4,6 bilhões do total exigido das garantias, o que permitirá ao Brasil receber empréstimos internacionais.

Os títulos antigos foram trocados por cinco diferentes tipos de novos papéis. Os principais são os bônus de desconto (35% do total), que mais atraíram os credores, e os bônus ao par (33,5%). Segundo Amaral, desde ontem o Brasil está com títulos cotados na Bolsa de Luxemburgo, com valor médio de US\$ 0,50.

A única pendência agora é com a família Dart, do grupo Dart Container Corporation, que detém 4% do valor negociado. Ontem, nenhum representante do grupo apareceu para o fechamento do acordo, mantendo-se irredutível na decisão de não aceitar os termos propostos pelo Brasil.

Amaral disse que o país continua disposto a um acordo. O próximo passo, avisou, é o acordo com o Fundo Monetário Internacional e, depois, com o Clube de Paris, para regularizar as relações financeiras do Brasil com os credores oficiais.



Pedro Malan, presidente do Banco Central: acordo fechado em Nova York